

# Lisboa quer reduzir mortalidade

Ações paralelas, antagônicas e até superpostas, realizadas por entidades governamentais ou não, no atendimento à saúde materno-infantil e de adolescentes são, em grande parte, responsáveis pela triste situação em que se encontram as crianças brasileiras. Este é o diagnóstico do pediatra mineiro Márcio Lisboa, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, empossado ontem como diretor da Divisão Nacional Materno-Infantil do Ministério da Saúde.

Para solucionar esta situação, ele reuniu ontem mesmo representantes de instituições como a Unicef, CNBB, Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) e LBA, para definir estratégias e traçar um programa conjunto. "Entre as prioridades estão a diminuição do índice de mortalidade infantil, controle de gestações de risco, reversão do quadro do baixo peso dos recém-

nascidos no país e o incentivo ao aleitamento materno", anunciou Lisboa.

A divisão vai cuidar de 90 milhões de crianças, adolescentes e mulheres em idade fértil, partindo de indicadores sociais desanimadores. Até 1995, Lisboa pretende reduzir significativamente o índice de mortalidade infantil — que hoje é de 60 a 150 óbitos por mil bebês nascidos vivos, antes de completar um ano de idade —, até atingir a média nacional a 30 óbitos por mil nascidos vivos.

O médico revelou outros dados alarmantes. Disse que as taxas de mortalidade materna giram em torno de 150 óbitos para cada grupo de 100 mil mulheres. "No Chile, o índice é de 35 mortes para cada 100 mil mulheres; em Cuba é 33 e no Canadá 2".